

Tradução

***A Canção de outono* de Paul Verlaine**

Renata Cordeiro*

Tradutora profissional, premiada pelo FNLIJ, dos idiomas francês, inglês, castelhano, alemão e italiano para o português. Organizou e traduziu antologias de poemas franceses e de sonetos de William Shakespeare.

Inédito quando foi publicado em 1867, *Canção de outono*, um dos poemas mais famosos¹ de Paul Verlaine, é o quinto da seção “Paisagens tristes” dos *Poemas saturninos*,² primeiro livro do autor. O título da recolta é o que exprime com mais verdade, concisão e elegância a própria essência do temperamento e da estética do poeta. No plano íntimo, Verlaine se julga marcado pelo selo original do infortúnio e da incapacidade de viver e atribui sua sina de eterno perdedor e de maldito à influência do planeta Saturno, considerado maléfico na tradição esotérica.³ É isso que a sua escritura, no que ela tem de mais original, tenta dizer, pela recusa da eloquência, pela métrica breve, e, sobretudo, pela busca constante de uma musicalidade do modo menor, “a música antes de tudo”, como ele dirá na sua *Arte poética*.⁴

A *Canção de outono* sugere a paisagem em vez de descrevê-la, esboça-a em vez de pintá-la. É um poema da sensação, do não-dito, do inexprimível, das nuances, em que o efêmero convive com o indefinido, em que os contornos se diluem na bruma das lágrimas, e a paisagem real se apaga para dar lugar ao reflexo torturado de uma consciência atormentada e indecisa. Aqui, o outono não é a estação do ano com as suas conotações positivas, as colheitas e o brilho das cores da natureza. É, na verdade, um fim melancólico, agonizante como uma morte. No poema, Verlaine tenta exorcizar pela música a inquietude da sua alma, mas nele a tristeza é precisa: saudade do passado, inquietação por sentir-se transportado por um “ar ruim”, sem

* renata.mparreira.cordeiro@gmail.com

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 220-225
jul-dez, 2017

1 Não apenas pelo seu valor literário, mas também porque a Rádio Londres utilizou a primeira estrofe, ligeiramente modificada, em 5 de junho de 1944, às 21 horas e 15 minutos, para avisar à rede de resistência Ventri-loquista que o desembarque na Normandia iria ocorrer nas horas seguintes. Parece que o exército alemão conseguiu decodificar a mensagem, embora não a tenha usado a seu favor. As duas primeiras estrofes estão gravadas no anverso da moeda de 2 euros comemorativa do aniversário de 70 anos do dito desembarque, em 6 de junho de 1944.

2 VERLAINE, P. *Poèmes saturniens suivi de Fêtes galantes*. Paris: LDP, s.d.

3 “É ridículo o riso e assim decepcionante/Aquela explicação do mistério noturno. Os que nasceram sob o signo de SATURNO, Planeta fero, fulvo e caro aos necromantes, Segundo os manuais de bruxaria d’antes, Têm um grande quinhão de infortúnios e bile.” O primeiro dos *Poemas saturninos*. (Tradução de Renata Cordeiro).

4 VERLAINE, P. *Jadis et naguère*. Paris: LDP, 2009.

poder reagir. “E eu vou-me assim” não significa “eu parto”, mas “eu me deixo ir” para onde o vento me leva, deixo-me levar pela corrente, pelo “ar ruim” que me transporta. A fatalidade é um tema caro a Verlaine, porque Saturno, o planeta mau, não lhe dá trégua e o impede de ser feliz. O ritmo do poema traduz esse sentimento complexo feito de angústia e de abandono, pelo jogo delicado de versos de quatro e de três sílabas. Esses metros curtos dão à rima, que volta a intervalos regulares, ressonâncias particularmente sugestivas. Neste caso, o verso não é só um conjunto de palavras providas de uma sintaxe e de um sentido, mas também o agrupamento de sons escolhidos para encantar o ouvido. Verlaine revela possibilidades musicais do verso até então inéditas. Privilegia as assonâncias, repetições de vogais, as aliteraões, repetições de consoantes, para repartir os ecos fônicos dentro dos versos em relação às rimas finais, que se dividem estritamente, em todas as estrofes, em masculinas e femininas (AAbCCb). O ritmo 4/4/3, adotado por Verlaine, é próprio da canção e confere originalidade ao poema.

Chanson d'automne

Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens
Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille morte.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 220-225
jul-dez, 2017

Análise formal

O poema é composto de três estrofes de seis versos cada qual. Em cada uma, os versos 1, 2, 4 e 5 têm quatro sílabas e os versos 3 e 6, três sílabas métricas. As rimas obedecem ao

esquema AAbCCb, sendo rimas masculinas (agudas) as maiúsculas, e femininas (graves) as minúsculas.

O ritmo de cada estrofe é o seguinte:

- - - / (4)
- - - / (4)
- - / - (3)
- - - / (4)
- - - / (4)
- - / - (3)

No esquema acima, as barras oblíquas representam as sílabas fortes; aqui, cada três versos formam um verso de onze sílabas métricas, integrado num ritmo maior.

- - - / - - - / - - / - (11)

- - - / - - - / - - / - (11)

E o poema na leitura fica assim:

Les sanglots longs de violons de l'automne
Blessent mon coeur d'une langueur monotone.
Tout suffocant et blême quand sonne l'heure,
Je me souviens des jours anciens et je pleure.
Et je m'en vais au vent mauvais qui m'emporte
Decà, delà, pareil à la feuille morte.

Para conseguir formar em cada estrofe dois versos hendecassílabos, resultando, ao todo, em seis, Verlaine obedece à alternância de rimas masculinas e femininas praticada pela poesia francesa desde a Idade Média e que se consolidou a partir do século XVI. Nenhuma tradução, nesse caso específico, que não observe essa alternância, conseguirá produzir na língua receptora seis versos de onze sílabas, com tônicas 4-8-11 sempre.⁵ Além disso, se é uma canção, deduz-se que é para cantar.⁶ Por-

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 220-225
jul-dez, 2017

5 “... a fidelidade retórico-formal não vale por ser uma norma externa a ser aplicada mecanicamente ao texto de poesia. Ela vale, sim, enquanto se prende a manifestações externas, a manifestações textuais da significância, condicionando o leitor para uma leitura inclinada em determinada direção, em determinado sentido. Ela implica fatores socioculturais e linguístico-estruturais cujo conhecimento e exame ponderado deve determinar no sujeito-tradutor a escolha de uma reescritura mais próxima do módulo original ou mais condizente com os usos poéticos da linguagem receptora.” LARANJEIRA, M. *Poética da tradução*. São Paulo: Edusp, 1993.

6 Por seu caráter predominantemente musical, Reynaldo Hahn, já no século XIX, fez uma composição a partir do poema para piano e voz. HAHN, R.; VERLAINE, P. *Chansons grises*. Paris: Au Ménestrel, 1891-1892. E no

tanto, o ritmo, resultante aqui também dessa alternância,⁷ que confere originalidade ao poema, deverá ser mantido, e caberá a quem traduz, em que pesem as dificuldades, produzir um texto homólogo ao original, que provoque um impacto emocional e estético no leitor da língua de chegada semelhante ao causado pelo texto original no leitor da língua de partida.

Propõem-se algumas traduções para mostrar que esse trabalho, embora difícil, é possível:

Canção de outono

Ferem-me os ais
Dos outonais
Violinos
O coração
Com a inação
Dos seus trinos

E quando dá
Tal hora já
Rememoro,
Sem cor, sem ar,
Dias sem par
E então choro.

E eu vou-me assim
No ar que, ruim,
Me transporta
Pra cá, pra lá,
Tal e qual a
Folha morta.

Ferem-me os ais dos outonais violinos
O coração com a inação dos seus trinos.

século XX, na década de 1940, foi a vez de Charles Trenet fazer a sua canção, em que substituiu o verbo na terceira pessoa do presente do indicativo *blessent/ferem* por *bercent/embalam*. Já Georges Brassens, quando retomou a canção de Trenet, manteve o poema no original. Essa também foi a atitude de Léo Ferré, embora no DVD ao vivo, “Léo Ferré canta os poetas”, ele diga *bercent* na primeira vez, mas *blessent* quando retoma o final. Há várias gravações no Youtube de vários intérpretes tanto da composição de Hahn, quanto da canção de Trenet e de outras, em geral baseadas na de Trenet.

⁷ Em nenhuma das vinte traduções do poema encontradas na Internet, essa alternância de rimas é obedecida. Seguem os links:

<http://formasfixas.blogspot.com.br/2015/07/paul-verlaine-1844-1896.html>. (Acesso: 03/12/2017).

<http://miscelaneadoorejana.blogspot.com.br/2013/10/chanson-d-automne-paul-verlaine-1844.html>. (Acesso: 03/12/2017).

<http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/paul-verlaine-cancao-de-outono>. (Acesso: 03/12/2017).

E quando dá tal hora já rememoro
Sem cor, sem ar, dias sem par e então choro.
E eu vou-me assim no ar que, ruim, me transporta
Pra cá, pra lá, tal e qual a folha morta.

Canção de outono

Cravam punhais
Com longos ais
Que dão sono
Dentro de mim
Os bandolins
Desse outono.

E quando já
Sem cor e ar dá
O momento
Dias me vêm,
Idos, porém,
E eu lamento.

E eu vou ao léu
Ao ar cruel
Que me enxota
De cá, de lá
Semelhante à
Folha rota.

Cravam punhais com longos ais que dão sono
Dentro de mim os bandolins desse outono.
E quando já sem cor e ar dá o momento
Dias me vêm, idos, porém, e eu lamento.
E eu vou ao léu ao ar cruel que me enxota
De cá, de lá, semelhante à folha rota.

Canção de outono

Causam-me dor
Com um langor
Morrediço
Os violões
E os seus bordões
Outoniços.

E quando sem
Cor, sem ar, vêm
Tantos, tantos
Dias não mais

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 220-225
jul-dez, 2017

Do tempo atrás
Caio aos prantos.

E eu sigo a errar
Ao malvado ar
Que me arrasta
Pra cá, pra lá
Semelhante à
Folha gasta.

Causam-me dor com um langor morrediço
Os violões e os seus bordões outoniços.
E quando sem cor, sem ar, vêm tantos, tantos
Dias não mais do tempo atrás caio aos prantos.
E eu sigo a errar ao malvado ar que me arrasta
Pra cá, pra lá, semelhante à folha gasta.

Traduções de Renata Cordeiro

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 220-225
jul-dez, 2017